

SUMÁRIO

Prefácio

Wilson Castello de Almeida7

Prelúdio a título de apresentação

Júlia Maria Casulari Motta 11

I – Criando um cenário para a história brasileira

Júlia Maria Casulari Motta 15

II – Da chegada à institucionalização do movimento (1946 –1976)

Júlia Maria Casulari Motta 23

III – Breve leitura histórica do psicodrama no Nordeste

Cybele Maria Rabelo Ramalho 55

IV – Ampliando nossa história por meio de outros atores

Júlia Maria Casulari Motta81

V – O desenvolvimento da Febrap (1976 –1988) e a formação do campo e do habitus	
Júlia Maria Casulari Motta	137
VI – Revendo as leis, mudando olhares, atualizando o movimento (1989 – 2007)	
Júlia Maria Casulari Motta	151
VII – Panorama dos Congressos Brasileiros de Psicodrama	
Lilian Rodrigues Tostes	167
VIII – Uma história da <i>Revista Brasileira de Psicodrama</i>: a viagem, com partida, algumas pequenas paradas e as estações futuras	
Devanir Merengué.....	199
Reflexões a título de despedida	
Júlia Maria Casulari Motta	213

PREFÁCIO

Wilson Castello de Almeida

O memorialista maior, Pedro Nava, declarou certa vez: “Memórias não acabam nunca”.

Quando Julia nomeou-me prefaciador desta obra, a que chamou de *nossa*, minhas lembranças percorreram, em um átimo, toda a saga do movimento psicodramático brasileiro, que pude testemunhar e do qual, às vezes, pude participar com interesse e entusiasmo.

Figuras e fatos, personalidades e acontecimentos, desejos e realidade. Quantos propósitos se perderam e quantos se firmaram em uma trajetória antropofágica, tão a gosto da nossa cultura.

Comecei então a sugerir temas que não acabavam mais, deixando Júlia inquieta, prometendo um segundo volume para apaziguar-me, pois não havia tempo hábil para compor um esquema historiográfico maior. Maldita frase de Pedro Nava!

O leitor curioso perguntará sobre as sugestões que dei e, para atendê-lo, destaco uma, ainda que venha a repisar o já

conhecido: sugeri, por exemplo, que o livro contivesse notícias e comentários sobre o Congresso de 1970 no Masp, com sua movimentação expressiva, que balançou a vida intelectual de São Paulo e permitiu ao psicodrama inserir-se na pauta das psicoterapias da época, ao lado da vetusta psicanálise de então. Esse é o momento psicodramático que mais me apaixonou, pois o considero o ato fundador que não deve ser esquecido jamais.

No texto “Brasil 70 – Psicodrama antes e depois”¹, Antonio Carlos Cesarino dá excelente contribuição analítica.

Em 1970, realizamos em São Paulo o V Congresso Internacional de Psicodrama e o I Congresso Internacional de Comunidades Terapêuticas. Foi a oportunidade de apresentar ao grande público o psicodrama... Pois bem, o movimento psicodramático foi um forte processo instituinte, criador, que com toda a pujança desejante de uma geração jovem veio modificar e até inverter não só o fluxo de demanda de atendimentos psicoterápicos, como trazer uma nova dimensão de pensamento psi, quebrando o setting sagrado da terapia entre quatro paredes... Privilegiava o trabalho de grupos e começava a se voltar também à alternativa moreniana do trabalho fora dos consultórios.

Outrossim, o mestre Cesarino nos interroga provocativamente:

Desviamos-nos do caminho iniciado há 20 anos? Esquecemos-nos lentamente de sua finalidade inaugural? Estamos recolhendo forças e nos preparando cuidado-

¹ ALMEIDA, Wilson Castello de. *Grupos: a proposta do psicodrama*. São Paulo, Ágora, 1999.

samente para um novo vôo, agora cada vez mais com nossas próprias asas? Aceitamos sem questionamentos no modo pelo qual a história vai sendo feita, como se não houvesse nada a fazer? Ou vamos seguir o caminho proposto por Moreno, quando disse que o psicodrama quer “através de milhões de microrevoluções preparar a macrorevolução do futuro?”

Em sua tese de mestrado, Luís Henrique Alves resumiu de modo denso o significado político desse congresso:

1970 foi o ápice de uma época de proibições. O arbítrio da ditadura calava as manifestações culturais, artísticas e sindicais. Era o império do silêncio, a proibição do encontro entre pessoas. Mas, se a ditadura decretava o isolamento, aí (no Congresso) se organizava o encontro; se o poder impedia manifestações, a nova proposta insurgente (o psicodrama) as reconhecia e as estimulava; ao poder que impunha o fracionamento e a conspiração, o movimento psicodramático propunha a comunhão de indivíduos e o encontro–confronto direto entre os homens.

O psicodrama mostrou sua cara nesse aqui e agora congressual e nunca deveríamos perder essa identidade.

Herdamos o sonho da criatividade, o enlevo da espontaneidade, reunidos no conceito básico das psicoterapias de modo geral, compondo sua finalidade maior: a liberdade. A liberdade como característica do comportamento livre, da linguagem cotidiana; a liberdade como norma, valor, ideal, reflexão moral e política; a liberdade como modalidade fundamental do ser, da indagação filosófica. A liberdade como preocupação universal dos homens, dando-lhes condições de

tomar consciência de si mesmo (Sócrates, Freud) e de sua situação no mundo (Sartre, J. L. Moreno).

O tempo afasta-nos do marco fundador, mas também registra em seus escaninhos a lucidez e a coragem dos que pretenderam oxigenar, iluminar e superar estruturas cristalizadas. Esse tipo de desafio não desapareceu, continua impermanente, cutucando nossa *má consciência*.

Os dados levantados neste livro primoroso compõem a narrativa que aproxima a verdade fixada no passado aos fatos contemporâneos ainda repletos de sonhos do presente.

Memórias são imperativos proustianos, correndo atrás de um mundo afetivo fadado a perder-se nas brumas da eternidade.

História é o espaço intelectual de registro metódico de acontecimentos ocorridos na vida das comunidades humanas.

Aqui estão o historial e o memorial de Júlia Casulari Motta. Não há nostalgias nem pieguices. Cada palavra, cada linha, cada parágrafo suscitará reminiscências estimulantes e construirá perspectivas ainda possíveis.

Ao cruzar pelas vivências psicodramáticas, alguma coisa acontece em nosso coração: fica-nos uma visão de mundo mais romântica e bem-humorada, mas também reflexivamente mais séria e socialmente mais comprometida.

Que ao mergulhar nas memórias e histórias do psicodrama nosso pensamento se abra na plenitude das crianças coibidas, desejosas de saber mais sobre o que ficou nas entrelinhas misteriosas.

Parabéns, caríssima Júlia!

PRELÚDIO A TÍTULO DE APRESENTAÇÃO

Júlia Maria Casulari Motta

A idéia deste livro surgiu durante uma pesquisa sobre o psicodrama brasileiro desenvolvida por mim no processo de pós-doutoramento em Psicologia Social, no Núcleo de Estudos de História da Psicologia – NEHPSI-PUCSP. As posições socio-históricas defendidas aqui têm muito de minha convivência com a coordenadora do NEHPSI, Maria do Carmo Guedes, que orientou meu estágio de pós-doc. A ela meus sinceros agradecimentos e votos de que veja neste trabalho uma pequena homenagem.

Meu primeiro desejo foi tê-lo concluído para as comemorações dos trinta anos da Febrap (1976–2006), o que não foi possível. No entanto, seu lançamento no XVI Congresso Brasileiro de Psicodrama traz o enriquecimento significativo dos textos dos colegas Lílian Rodrigues Tostes, que escreve sobre os Congressos Brasileiros de Psicodrama, Cybele Maria Rabelo Ramalho, que nos brinda com a história do psicodrama no Norte/ Nordeste, e Devanir Merengué, que nos

conta a história da *Revista Brasileira de Psicodrama*, da qual é o atual editor. Traz, ainda, um capítulo especial em que recolho as narrativas de alguns colegas que vêm participando da construção da história nos diferentes estados brasileiros. Cada um deles merecia um capítulo, mas por enquanto pude apenas registrar seus feitos por meio desses depoimentos. Para falar sobre Goiás, convidei Geraldo Amaral e Silvamir Alves; de Brasília, Eveline Cascardo e Marlene Marra compartilham suas memórias; para registrar a história no Paraná temos Neli K. Valle e Marisa Silva; Suzana Duclós escreve sobre a história em Santa Catarina, e, para falar sobre o Rio Grande do Sul, Marta Echenique. Também contamos um pouco da história do uso do vídeo no psicodrama com o trabalho pioneiro de Ronaldo Pamplona e Carlos Borba. A iniciativa de Regina (Reo) Monteiro e os primeiros psicodramas públicos está registrada, assim como a do teatro Daimon, palco de muitos eventos durante seus trinta anos de existência, narrada por José Fonseca. Para finalizar esta pequena e incompleta viagem, apresento as memórias de Antônio Cesarino sobre o Congresso do 1970 e o pioneirismo do trabalho no Centro Cultural São Paulo. Estão também presentes entrevistas com os ex-presidentes da Febrap.

Para finalizar, como primeiro leitor contribuinte, por meio de leitura comentada, o mineiro contador de histórias Wilson Castello de Almeida aponta pontos de reflexão.

Sei que tudo isso não é suficiente, que nossa *história e memórias* são ricas e extensas, mas este livro, como primeiro tomo, é um esforço estimulante a outros volumes.

Aos colegas e amigos meus agradecimentos e a certeza de que suas contribuições tornaram a obra o resultado de um esforço coletivo de ampliação da história e das memórias do

movimento psicodramático brasileiro. Também à psicodramatista Ester Esteves meus agradecimentos pela leitura cuidadosa e enriquecedora que fez das dificuldades com o português nas narrativas.

Quero deixar registrado que não excluí pessoas ou escolas federadas de psicodrama intencionalmente, mas por limites necessários impostos por uma obra gráfica. Nas negociações com a editora precisamos limitar o número de páginas para que o livro seja didático, em preço e complexidade. Por tanto, os critérios sociométricos na constituição das margens deste primeiro volume foram operacionais.

Trabalhamos para que este livro nascesse como uma obra simples mas promotora de reflexões, pequeno em número de páginas para que se tornasse acessível a todos e, por fim, nosso desejo de que não seja tomado como uma história universal, mas um possível olhar sobre nossa caminhada. Como socionomistas somos contadores de história e sabemos que a construção humana é sempre socio-histórica. Que, a cada visita que fazemos ao passado, reencontremos dados novos, olhares e fragmentos de memórias que nos tragam reflexões diferentes, mobilizadoras de desejos e sonhos renovados para a construção de novos projetos dramáticos. Assim, quando mudamos o olhar mudamos o foco e quando mudamos o foco mudamos o olhar, portanto, morenianamente, queremos ser contadores de histórias e promotores de novas histórias.

Estudar a história, visitá-la, criar uma narrativa sobre nossa trajetória é um *compromisso social*, um *compromisso político* que visa à construção do presente e do futuro do movimento psicodramático brasileiro.

Sei que não escutamos todos os colegas que participaram dessa história, sei também que muitos pensam diferente da

versão aqui apresentada. Não pretendemos uma história hegemônica, isto é, uma única versão possível para os fatos, muito menos para as memórias, mas temos a utopia de mobilizar reflexões e animar novas produções.

Vamos conversar enquanto viajamos?